

As vaginas que nasceram no meu rosto

Marcelo Garbine

Esse negócio de ficar pensando bastante, mergulhado no meu mundo introspectivo, custa-me um preço exorbitante. Pouco tempo sobra-me pra executar as tarefas básicas do dia a dia, como: manter minha casa limpa, beber uma cerveja, cumprimentar o vizinho e tomar banho.

Enquanto me trocava pra ir dar uma palestra, notei que não havia uma maldita cueca limpa na gaveta. Meu lar é escuro, pois as lâmpadas queimadas não são substituídas. Comumente, praguejo, sentado no vaso sanitário, surpreendido pelo fim do estoque de rolos de papel higiênico. Uma voraz reflexão toma conta de todo o meu ser: se Deus foi deveras caprichoso a ponto de ter arquitetado um corpo humano tão perfeito, por que raios não se esmerou um pouquinho mais e deu-nos um intestino capaz de produzir fezes com uma consistência maior, excrementos emborrachados, pra não esparramar sujeira?

O que se dirá, então, de uma tarefa em tal grau complicada como fazer a barba? O quê? Não é complicada? Pode ser vexatório, mas tarefas simples pra todo mundo são intrincadas pra mim.

A minha barba é muito grossa e cresce rápido demais. Isso acabou fazendo que eu cultivasse o hábito de delegá-la a terceiros. Perdi, completamente, a habilidade com uma gilete.

Dizem que tudo em excesso não é saudável. O preceito vale, por experiência pessoal, pra dedicação às ditas coisas maiores, como: reflexão, composição e criação. E vale, também, pra ofícios mais modestos, como o de barbeiro.

Um barbeiro é um especialista muito útil. É graças a ele que eu não caio na desgraça de ter que exhibir uma coleção de vaginas artificiais na minha faceta, ao meter-me a desempenhar uma arte que não domino: a perícia de manusear uma lâmina de barbear. Porém basta que um barbeiro seja, somente, um barbeiro, sem cometer o excesso de ser um barbeiro barbeiro. Barbeiro barbeiro é um barbeiro que faz barbeiragem.

Trinta e cinco ou quarenta reais é uma bagatela. Eu pagaria até cem pra que fizessem a minha barba. Se houvesse profissionais dessa ordem no mercado, pagaria até pra escovarem os meus dentes.

Aprendi, na faculdade de economia, que essa diferença entre os cem reais que eu estaria disposto a pagar pra apararem a minha barba e os trinta e cinco reais que, efetivamente, cobram-me, chama-se excedente do consumidor.

Como vejo tudo pelo lado positivo, quando pago ao meu barbeiro, não me sinto gastando trinta e cinco reais. Lembro-me do excedente do consumidor e, com isso, sinto-me ganhando sessenta e cinco (espero que o meu barbeiro não leia essa crônica). Então “mato dois politicamente corretos com um único sarcasmo”: evito que o meu rostinho de bebê seja corrompido por uma gama de vulvas criadas por minhas mãos inábeis e, de modo concomitante, ganho sessenta e cinco reais! Urrú! É a típica alegria de bobo, mas... pelo menos, eu assumo.

O problema não está em remunerar pelo serviço, seja lá quanto for. A questão é o que recebo, em troca, pelo meu dinheirinho suado. É triste, no entanto, é a realidade: não importa o quanto paguemos, dificilmente encontramos um técnico capacitado, em qualquer área, que nos faça sair com a sensação de que o capital foi bem empregado.

Funcionários daqueles hotéis em que a gente sempre se hospeda – e acha que vai ser respeitado, não só pela razão de estar pagando, mas, principalmente, porque “bate cartão” lá – são mal educados.

É irrelevante que eu tenha ido lá mais de noventa vezes nos últimos três anos. A camareira vai bater na porta do apartamento, ao meio-dia em ponto, pra

perguntar-me se vou picar a mula dali ou se vou acertar a próxima diária. E nem adianta argumentar. É pior. Estresse à toa, não.

A dona Filomena, por exemplo, faxineira de um hotel de Atibaia, no qual eu me hospedava com frequência, enfiou o dedo na minha fuça e disse pra mim que eu não havia limpado os meus sapatos direito, ao retornar da rua.

– Puxa vida, dona Filomena, com todo o respeito que eu tenho pelos seus cabelos brancos e pelo seu digníssimo trabalho, é fato que não atentei pros meus sapatos sujos. Perdoe-me, por gentileza. Mas também não precisa gritar desse jeito comigo. Afinal, não estou aqui de favor, estou pagando caro pela hospedagem.

Ela olhou sarcasticamente pra mim e disse:

– Ah, ah, ah! Você não sabe o que é caro, meu amooooorrrrrr. – Entonando um artificial sotaque carioca nos erres, pra esnober-me ainda mais.

Parece ser um infortúnio nacional essa deficiência na oferta de custo-benefício pra um cliente que sonha com o dia em que será bem tratado ao receber um serviço pelo qual está pagando.

Quando como um hambúrguer pestilento e tomo uma Coca-Cola sem gelo numa lanchonetezinha de beira de estrada e o balconista não permite que eu pague com cartão de crédito ou débito, alegando que esse meio de pagamento é reservado apenas pros que consumirem mais de vinte reais, prometo nunca mais pisar naquela porqueira ordinária. Todavia, paulatinamente, percebo que fiz essa promessa em dezenas de bodegas das quais fui, gratuitamente, escorraçado.

Aí, tiozinho, defronto-me com um infeliz dilema: ou passo fome ou quebro a minha promessa e volto naquela espelunca, com o rabinho entre as pernas, e ainda tendo que aguentar o chapéu, de braços cruzados e sorriso debochado, olhar-me com o queixo empinado, satisfeito por ver-me de volta, implorando pra que me venda uma merda de um hambúrguer e pagando em cash.

Sendo assim, é claro que os préstimos de um barbeiro não seriam distintos. Seu Luiz era o barbeiro mais próximo da minha residência. Era um velhote de quase oitenta anos que começava a ser acometido pelo mal de Parkinson. Não que eu fosse louco por ir num lugar desses, mas se não tenho tempo nem de ir ao supermercado e, corriqueiramente, gasto os olhos da cara fazendo compras na padaria aqui do lado de casa, você acha que eu teria possibilidade de sair por aí procurando um barbeiro melhor? Só tem tu, vai tu mesmo.

Aspirava livrar-me daquele bicho de pelúcia que germinou nas minhas bochechas e arredores.

Biologia não me apetece, mas, quando ia num mutilador de penugem, clamava a palavra “mitose” com a voz empostada no mais forte tom.

– Faz minha barba aí, seu Luiz.

– O que é que é, meu fio?

– FAZ MINHA BARBA AÍ, SEU LUIZ!!!

– Aaaaah... entendi.

O seu Luiz arregaçava as mangas, fazia o possível pra ajeitar as costas curvas, e levantava a assustadora navalha pro alto. É nessa parte que eu começava a ouvir a clássica musiquinha de Alfred Hitchcock tocando, ao fundo. Será que esse lazarento vai enfiar essa porra no meu olho? E, então, o seu Luiz descia o machado – ops! – a navalha.

e, na cabecinha dele, Lula era comunista – eu não seria maluco de alardear que estava contente com a eleição pra presidente, pela primeira vez, de um operário, no Brasil.

Gostando eu de história e tendo ciência de que atravessamos períodos tirânicos nos quais as oligarquias subjugaram o populacho, seja diretamente, pela política do café com leite, ou, indiretamente, pelo regime militar, estava felicíssimo por um homem que veio do povo representar-nos em Brasília.

É claro que, na minha inocência, não poderia adivinhar que o Lech Walesa brasileiro diria tanto o bordão “eu não sabia”, enquanto escândalos, como o do mensalão, assolariam, mais uma vez, o nosso surrado país. Eu tinha vontade de revelar que – sem antever que essa epígrafe seria utilizada à exaustão – nunca na história desse país tivemos um metalúrgico no Poder. Contudo, não sou tão insano assim.

Se o seu Luiz já me detonava sem eu o contrariar, imagine só se falasse bem da conraindicação da Regina Duarte.

– Seu Luiz, acho um absurdo que o Lula tenha sido eleito, mas estou mais preocupado com estas prováveis cicatrizes que o senhor deixou no meu rosto.

– A sua cara tá mijando sangue, mas é normal. Isso aí sai, meu fio. Eu fui atropelado e fiquei com essa cicatriz aqui, mas já tá quase saindo.

– E há quanto tempo o senhor foi atropelado, seu Luiz?

– Quase trinta anos, meu fio.

– Toma duzentos reais, seu Luiz, mas me deixa ir embora daqui, pelo amor de tudo o que há de mais sagrado!

E foi graças ao seu Luiz, que pude ficar excitado, na frente do espelho, feito um narcisista, observando todas aquelas salientes vaginas que brotaram na minha face.

O que eu havia tentado impedir, ao não cortar a minha própria barba e procurando os préstimos de um expert, acabara acontecendo.

Mingau Ácido relaxa e goza, à moda de Marta Suplicy, já que não tem jeito mesmo.

Em verdade, em verdade, vos digo: isso serviu pra alguma coisa: logo depois do traumatizante episódio, tive que viajar pra fazer um curso, em Fortaleza. Como estava namorando sério, na época, e sou extremamente fiel, passei aqueles oito dias completamente na seca. Nada obstante, toda vez que eu ia ao toalete, podia olhar pro espelho e regozijar de prazer com as sete vaginas que o seu Luiz abriu na minha frente.

Na ocasião, até compus um versinho pra distrair-me:

Ao olhar-me no espelho

Logo vejo meu reflexo

Na falta de mulher

Com ele faço sexo.

Tão-somente eu e o espelho, no banheirinho porco daquele hotelzinho mal-apanhado. Mas estava formidável.

– Não para! Não para! Não para! Oye!

Mingau Ácido (Marcelo Garbine)